

## **INFORMAÇÃO EM ARTE: conceitualizações e um olhar sobre a Agenda 2030**

### **ART INFORMATION: conceptualizations and a glance to the 2030 Agenda**

*Klara Martha Wanderley Freire (IBICT/UFRJ) – klaramwfreire@gmail.com*

*Luana Farias Sales Marques (IBICT/UFRJ) - luanafsales@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo visa apresentar a pesquisa bibliográfica realizada para levantamento de definições existentes para informação na área de artes encontradas na literatura, buscando traçar um comparativo entre as mesmas, levantando suas características com base na Teoria do Conceito de Dahlberg. O conceito de Informação em Arte é composto por dois conceitos que existem separadamente e possuem grande complexidade em definição e conceitualização. Entretanto, é necessário tocá-los. Assim, levanta-se: O que é informação? O que é arte? Quais suas características? O que a literatura apresenta sobre esses dois conceitos de maneira isolada? Propõe-se, então, uma imersão nas definições e conceitos de informação e Arte, para que seja feita, posteriormente, segundo a Teoria do Conceito, uma decomposição das definições encontradas de Informação em Arte apresentadas anteriormente. O estudo também exhibe as relações encontradas entre este tipo de informação e seu potencial de promoção da melhoria da sociedade, calcado nos objetivos apresentados na Agenda 2030 no que tange às bibliotecas e centros de informação especializados em Arte. Considera-se que é baseado no entendimento das características levantadas para os conceitos que será possível compreender o estabelecimento de determinadas práticas em torno informação na área da Arte. A informação artística é capaz de desenvolver no indivíduo pensamento crítico e torná-lo sensível às questões do mundo. Cabe ressaltar que as bibliotecas e centros de Informação em Arte cada vez mais tornam-se um espaço democrático de disseminação da informação artística, não só pelas características da mesma, mas por, desde sempre, estarem as bibliotecas e centros comprometidos em promover a competência informacional de seus usuários; os objetivos da Agenda 2030 apenas veio a enfatizar e tornar ainda mais proeminente a necessidade de assegurar ao cidadão do século XXI total infraestrutura para seu desenvolvimento pleno intelectual.

**Palavras-chave:** 1. Informação em Arte. 2. Conceito. 3. Agenda 2030.

**Abstract:** The article aims to present the bibliographical research carried out for searching existing definitions for information in the field of Art found in literature, seeking to draw a comparison between them, raising their characteristics based on Dahlberg's Concept Theory. The concept of Information in Art is composed of two concepts that exist separately and have huge complexity in definition and conceptualization. However, it is necessary to discuss them. So, we ask questions: What is information? What is art? What are its characteristics? What does literature present about these two concepts apart? It is proposed, then, an immersion in the definitions and concepts of information and Art. Later, according to the Theory of Concept, we make a decomposition of the found definitions. The study also shows the relationships found between this type of information and its potential to promote the

improvement of society, based on the goals presented in Agenda 2030 regarding libraries and information centers specialized in Art. It is considered that it is based on the understanding of the characteristics raised for the concepts that it will be possible to understand the establishment of certain practices around information in the field of Art. Art information is capable of developing in the individual critical thinking and making it sensitive to the world's issues. We draw attention to the fact that libraries and art information centers increasingly become a democratic space for the dissemination of art information. Not only because of its characteristics, nevertheless libraries and centers have always been committed to promoting informational literacy; the 2030 Agenda goals only emphasized and made even more prominent the need to assure the 21st century citizen total infrastructure for their full intellectual development.

**Key-words:** 1. Art information. 2. Concept. 3. 2030 Agenda.

## 1 INTRODUÇÃO

A Informação em Arte possui grande relevância no contexto da Ciência da Informação. Nascida da interdisciplinaridade desta ciência, este tipo de informação possui fortes ligações com a área de museologia – a Informação em Arte começa a ser estudada mais a fundo no mundo no final dos anos 80, tendo nascido nos anos 70, exatamente no ambiente da documentação de museus.

Desde o final da década de 80 até os dias atuais a Informação em Arte vem sendo estudada, porém, devido à escassez de estudos voltados à comparação das definições encontradas, mostra-se relevante um mergulho mais profundo no assunto. A relevância deste estudo se dá na tentativa de compreender como se formaram as definições existentes para Informação em Arte, visto que na Ciência da Informação (CI) seu objeto de estudo – a informação – possui complexas e variadas definições; é necessário entender o objeto dentro deste nicho específico.

Logo, o presente trabalho tem por objetivo expor as definições existentes e as discussões encontradas em torno da Informação em Arte, buscando compreendê-las através da Teoria do Conceito. Aproveitando-se o ensejo, é feita uma relação das mesmas com os objetivos constantes da Agenda 2030, levantando-se elementos das discussões que possam contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade igualitária através da Informação em Arte.

## 2 INFORMAÇÃO EM ARTE: uma breve discussão sobre conceitos e definições

A pesquisa bibliográfica deu-se em bases especializadas em Ciência da Informação: BRAPCI, BENANCIB, LISA e LISTA. Os termos utilizados para o levantamento foram “informação em Arte”; “informação artística” “information on Art”, “information on Arts” e “Art information” – entre aspas, para melhor delimitar a busca. Realizado o levantamento e analisado o recuperado, notou-se que poucos são os trabalhos que tratam da definição do termo Informação em Arte ou suas outras variações em língua portuguesa e inglesa.

Percebeu-se também uma concentração de citações aos trabalhos de autores específicos. Estudos apontados como referenciais na área são os de Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Diana Farjalla Correia Lima. De acordo com as pesquisas realizadas, Lena Vania Ribeiro Pinheiro introduziu o termo Informação em Arte no Brasil. Logo, o que seria a Informação em Arte para a autora? No prefácio da obra referencial “Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem”, Pinheiro (2000) afirma que Informação em Arte é:

Informação em Arte é o estudo da representação do conteúdo informacional de objetos / obras de arte, a partir de sua análise e interpretação e, nesse sentido, a obra artística é fonte de informação. Envolve “...fundamentos teóricos e a natureza da representação da informação em Arte, assim como a diversidade documental, com suas singularidades, as questões da Arte e as características do modelo de sistema de informação artística”. Portanto, “a informação estética abrange... o objeto de arte, documento no seu sentido mais amplo, oriundo de múltiplas manifestações e produções artísticas”. (PINHEIRO, 2000, p. 7-8).

Apesar da definição ser muito bem aceita e bastante utilizada desde sua introdução na publicação mencionada, tornou-se mais abrangente através da contribuição de Lima (2000). Após oito anos da publicação do livro, Pinheiro (2008) menciona em seu artigo:

Informação em Arte também diz respeito a estudos dos documentos sobre Arte, isto é, os bibliográficos, primários e secundários, desde o livro, o artigo de periódico, até as bibliografias, estados da arte e outros suportes e, hoje, museus na Web e museus virtuais. Segundo Lima (2000), a Informação em Arte tanto envolve os aspectos formais, descritivos, quanto os de ‘atributos e relações da[s] obras de Arte com a história’. (PINHEIRO, 2008, p. 10).

Uma outra autora identificada nas pesquisas realizadas é Maria Christina Barbosa de Almeida; ainda em 1998 coloca suas considerações sobre o assunto, entretanto, é relevante salientar que não trata-se de uma definição fechada e sim de uma visão convergente sobre, uma tentativa de situar a informação no campo da Arte:

A informação e o conhecimento na área de arte repousam sobre três fundamentos básicos: a própria arte (as obras, os objetos, as manifestações artísticas), a documentação da arte e a documentação sobre a arte. A documentação da arte pode ser definida como sendo toda a atividade desenvolvida para registrar e descrever a obra de arte, bem como os produtos decorrentes dessa atividade (catálogos,

listagens, bases de dados). A documentação sobre arte inclui qualquer tipo de registro que tenha a arte e o artista como assunto, produzido sob os mais diversos suportes. Assim, a análise da questão da informação na área de arte deve, obrigatoriamente, passar pela definição de documento, deixando claras suas finalidades e sua relação com a obra de arte (ALMEIDA, 1998, p. 4-5).

Deste modo, percebe-se que Pinheiro (2000, 2008) e Lima (2000) corroboram com Almeida (1998).

A Teoria do Conceito de Ingetraut Dahlberg (1978) apresenta-se como um método para destrinchar as características encontradas no conceito que formam, enfim, as definições de Informação em Arte apresentadas por Pinheiro (2000) e Lima (2000).

Adentrando a Teoria do Conceito, pode-se afirmar que existem vários tipos de linguagem. A linguagem natural é a utilizada no dia a dia. Além dessa, o ser humano criou as linguagens especiais/artificiais/formalizadas. Com a linguagem o indivíduo foi capaz de se relacionar com os objetos (individuais e gerais) que o circundam. Com as linguagens naturais pode-se formular enunciados sobre conceitos individuais e gerais. Dado o conceito de “instituição” (exemplo apontado no artigo da teoria), pode-se afirmar que os enunciados da mesma (conceito individual) também formam o conceito geral de “instituição”. “É possível definir, então, o conceito como a compilação de enunciados verdadeiros sobre determinado objeto, fixada por um símbolo linguístico.” (DAHLBERG, 1978, p. 102). Decompor um conceito é separar suas características. “Mais uma vez convém repetir que é formulando enunciados sobre os atributos necessários ou possíveis dos objetos que se obtém as características dos respectivos conceitos”. (DAHLBERG, 1978, p. 102).

O conceito de Informação em Arte é composto por dois conceitos que existem separadamente e possuem grande complexidade em definição e conceituação. Entretanto, é necessário tocá-los. Assim, levanta-se: O que é informação? O que é arte? Quais suas características? O que a literatura apresenta sobre esses dois conceitos de maneira isolada? Propõe-se, então, nos próximos tópicos, uma leve imersão nas definições e conceitos de informação e arte, para que seja feita, posteriormente, segundo a Teoria do Conceito de Dahlberg, uma decomposição das definições encontradas de Informação em Arte apresentadas anteriormente.

## 2.1 INFORMAÇÃO

A informação é tida como objeto de trabalho da CI, entretanto, apesar de claramente ser a matéria de atividade do cientista da informação, sua definição não é uniforme. Como Buckland (1991) afirma, chega a ser irônico informação ter a ver com tornar-se informado, tendo redução de um estado de ignorância e incerteza como elemento de uma de suas definições, quando é ela própria um termo ambíguo e usado de diferentes formas. Assim, na CI são múltiplos os entendimentos e definições de informação. Falar sobre informação é perder-se num oceano de definições e conceitos; sendo este oceano tão vasto que culminou, no ano de 2007, num trabalho de Chaim Zins, chamado “Conceptual approaches for defining data, information, and knowledge”, uma tentativa de reunir as definições que circundam a área de CI em seus elementos mais básicos, na visão dos teóricos proeminentes da CI.

Existem várias maneiras de olhar a informação. A matemática, a biologia, a psicologia e outras áreas do conhecimento se ocupam da tentativa de delimitar o conceito. A busca por dar limites e formas à ideia de informação é tamanha que Capurro e Hjørland (2007) percorrem de maneira exaustiva sobre o conceito de informação. São 60 páginas que carregam toda a densidade do assunto. Para os autores, a fim de entender uma palavra, necessita-se olhar para seu passado, sua etimologia, com o intuito de compreender seus usos no presente. Assim, informação deriva do latim *informatio*, tendo sua definição explicitada no *The Oxford Dictionary* como: ato de **moldar** a mente; ato de comunicar conhecimento. Como e quando essa junção de informação e moldagem se sucedeu? Analisando suas raízes, tanto no latim, quanto no grego, *informatio* muitas vezes refere-se a “**dar forma**” à **algo**, levando em consideração contextos **tangível e intangível** do conceito. Na Idade Média, vê-se também os usos biológico, pedagógico e moral da palavra. Já no uso moderno e pós-moderno da palavra informação, a noção de “dar forma” no sentido material é substituído pela questão intangível, indo da matéria à mente, como bem observam os pesquisadores.

A história de uma palavra fornece-nos curiosidades que são tangenciais ao próprio conceito. Mas, em nosso caso, o uso da palavra informação indica uma perspectiva específica, a partir da qual o conceito de comunicação do conhecimento tem sido definido. Esta perspectiva inclui características como novidade e relevância, ou seja, refere-se ao processo de transformação do conhecimento e, particularmente, à seleção e interpretação dentro de um contexto específico. (CAPURRO; HJORLAND, 2007, p. 150).

Passando para uma definição estabelecida no dicionário especializado de Cunha e Cavalcanti (2008), a palavra informação é encontrada sob diversos aspectos. Aqui, colocam-

se os mais amplos deles e os que parecem ser mais bem aceitos na literatura de CI, de um modo geral:

1.1 Registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão. A expressão 'registro' inclui não só os documentos tipográficos, mas também os reprográficos, e quaisquer outros suscetíveis de serem armazenados visando sua utilização. 1.2 Informação, na sua definição mais ampla, é uma prova que sustenta ou apóia um fato. 1.3 Registro de um conhecimento para utilização posterior. 1.4 Dados numéricos alfabéticos ou alfanuméricos processados por computador. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 201).

Um outro pesquisador que define informação é Aldo Barreto (1994), que estabelece que informação é

[...] um instrumento modificador da consciência do homem e de seu grupo. Deixa de ser uma medida de organização para ser a organização em si; é o conhecimento, que só se realiza se a informação é percebida e aceita como tal e coloca o indivíduo em um estágio melhor de convivência consigo mesmo e dentro do mundo em que sua história individual se desenrola. (BARRETO, 1994, p. 3).

Percebe-se na definição de Barreto (1994) o mesmo traço apontado por Capurro e Hjørland (2007). O ser humano ao absorver informação tem sua consciência modificada, ou seja, dá-se a transformação em conhecimento. É pertinente mencionar que as implicações do trinômio dado-informação-conhecimento aqui não serão discutidas, uma vez que o foco do tópico se restringe à informação.

Buckland (1991) distingue a informação de três maneiras: A **Informação-como-processo**, sendo o ato de informar, comunicar um fato/novidade/ocorrência; quando o indivíduo é informado e tem seu conhecimento alterado. A **Informação-como-conhecimento**: o que é transmitido na informação-como-processo - “a noção de informação como algo que reduz a incerteza poderia ser encarada como um caso especial de informação-como-conhecimento” (BUCKLAND, 1991, p.351, tradução nossa). Já a **informação-como-coisa** é: todo objeto ou artefato físico que é considerado informativo, possuindo a qualidade de conhecimento comunicado.

## 2.2 ARTE

“O que é arte?” é uma pergunta ousada. Tão complexo quanto definir informação é definir arte e tratar de seu conceito. Uma pequena obra intitulada “O que é Arte”, do professor Jorge Coli, assim inicia-se:

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepcionamo-nos: elas são divergente, contraditórias, além de frequentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única. (COLI, 1995, p. 7).

A mesma inquietação em relação à essa dificuldade de definição do citado conceito encontra-se na introdução do famoso livro-texto de História da Arte de H. W. Janson (2001) quando o autor pergunta-se, de modo retórico, “Por que isto é arte?” “O que é arte?” Poucas perguntas provocarão polêmica mais acesa e tão poucas respostas satisfatórias”. (JANSON, p. [11]). O mesmo parece ocorrer nos escritos de Fritz Baumgart (1999): “O que é arte, o que constitui sua essência, para que serve; muito se discutiu a esse respeito.” (BAUMGART, 1999, p. [1]).

Devido à complexidade do campo, por este estudo ser de base conceitual e, principalmente, se ocupar de questões de definição do conceito de arte, utilizaram-se os dicionários.

A busca iniciou-se através de um dicionário geral. No renomado Dicionário Aurélio, encontram-se dezesseis definições amplas para a vocábulo arte; as demais são desdobramentos de “tipos” de arte: abstrata, conceitual, concreta, culinária etc. A primeira definição ampla relaciona o ser humano à sua capacidade de colocar em prática uma ideia, dominando a matéria, como a “arte” de usar o fogo. Outra, relaciona a arte apenas às artes plásticas. Em sua grande maioria as definições, como a primeira apresentada, relaciona a palavra “arte” ao dom ou habilidade humanos em executar algo de maneira excelente e dominar meios de atingir um fim. (FERREIRA, 2010).

Definições mais restritas e, por consequência, mais especializadas da arte, por assim dizer, afirmam:

**3.** Atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação: uma obra de arte; as artes visuais; arte religiosa; arte popular; a arte da poesia; a arte musical. **4.** A capacidade criadora do artista de expressar ou transmitir tais sensações ou sentimentos: A arte de Aleijadinho é considerada a maior manifestação do barroco brasileiro. [...] **6.** O conjunto de obras de arte de uma época, de um país, de uma escola: a arte pré-histórica; a arte moderna; a arte italiana; a arte impressionista. (FERREIRA, 2010, p. 213, grifo do autor).

Em dicionário especializado consultado, encontra-se uma longa explanação sobre o verbete arte. São citadas catorze definições ou, percebeu-se, aspectos da arte, baseados,

principalmente, na Estética ou nas teorias da arte – cada teoria defendida por um pensador específico, por isso, **teorias**, como observado nos escritos de Cauquelin (2005).

Na primeira definição, encontra-se sua etimologia, de raiz greco-latina, tem origem no “grego *tékne* (habilidade no ofício manual e para as coisas do espírito), pelo latim *ars*, *artis*, tradução que acrescenta ainda outra palavra grega, *areté*, ‘aptidão e virtude’” (CUNHA, 2003, p. 39). A esse respeito, Argan e Fagiolo (1994) explicam que o conceito de arte não define categorias de coisas, mas sim um tipo de valor. Expressa, de fato, uma relação mental e uma atividade operacional; liga-se ao trabalho humano e às suas técnicas. Entretanto, não seria apenas essa a única relação: a obra de um engenheiro permite perfeito resultado entre idealização e execução, mas nem por isso pode ser chamado de obra de arte. O valor artístico se dá através da forma de um objeto (sua configuração visível) e a maneira como o mesmo é percebido. “As formas valem como *significantes* somente na medida em que uma consciência lhes colhe o *significado*: uma obra é uma obra de arte apenas na medida em que a consciência que a recebe a julga como tal”. (ARGAN; FAGIOLO, 1994, p. 14, grifo do autor).

A reflexão de Argan e Fagiolo (1994) acaba por conduzir ao segundo significado encontrado no dicionário de Cunha (2003), sobre a “segunda realidade ou aparência”.

Genericamente, portanto, a arte é uma ação humana que se utiliza da natureza e de seus fenômenos materiais (ópticos, sonoros etc.), das relações sociais e produtivas vividas, dos conflitos ali existentes, dos sentimentos, das emoções e das idéias que sobre elas se tenha, para dominá-las, sensitivamente, e devolvê-las, expressivamente *transfiguradas*, em uma outra e *segunda realidade* – a obra. (CUNHA, 2003, p. 39-40, grifo do autor).

Ainda segundo Cunha (2003), baseado em Francis Bacon e sua ideia de *homo additus naturae*, o homem busca transferir à arte algo de subjetivo, íntimo ou particular a fim de satisfazer suas necessidades e desejos de ordem espiritual, sensorial e imaginativa.

O terceiro entendimento dado por Cunha (2003) versa sobre a “arte e escolha”, sua “dileção subjetiva”;

o artista opera com instrumentos que, por sua natureza, não são feitos para o individual, mas para o universal: assim a linguagem (que pode ser estendida a qualquer expressão artística). O artista, o poeta, deve extrair da língua o individual, isto é, precisamente o estilo. A língua é conhecimento, é objetivação: o estilo é o subjetivar-se dessa objetivação. Neste sentido, é criação de forma, ou seja, **é a máscara da palavra em nós investida e animada pelo nosso sentimento particular, e movida por nossa vontade subjetiva**. (CUNHA, 2003, p. 40, grifo nosso).

O quarto entendimento, coloca a arte equiparada ao bem fazer, à astúcia e à interpretação, nas quais a arte, sob a perspectiva da filosofia grega, é entendida como a capacidade de um artífice (*teknités*) produzir algo (forma física), tendo juntamente a ele o indivíduo capaz de atuar na obtenção de coisas já existentes/resultados – *ctéticas* –, os comerciantes (artes da persuasão e ganho pecuniário), o atleta (a luta) e o caçador. Vem ao caso desta quarta definição também a arte da interpretação do ator no teatro. A quinta definição evoca a noção de coisa da obra de arte dada por Heidegger, ou seja, “uma matéria que recebeu uma forma determinada e voluntária” a relacionando com a verdade (CUNHA, 2003, p. 41). Em virtudes e vícios (sexta abordagem),

A análise tradicional indica ainda os critérios gerais de julgamento ou de juízo por meio de dois conceitos aliados à maior ou menor “perfeição” (o que está integralmente acabado) da obra e da ação. A virtude (*aretê, virtus*), que traz consigo uma apreciação admirativa, reconhecendo a adequação entre o propósito original, a experiência (domínio) e a forma realizada. E o vício (*kakia, vitium*), que aponta para a imperfeição, vista por dois ângulos opostos: se a obra comporta excessos ou desmedida, ou se peca por falta (*defectus*) ou por omissão. (CUNHA, 2003, p. 42).

Na sétima definição, Cunha (2003) toca em Hegel e Schiller. Para a estética hegeliana a arte “de verdade” não é concebida apenas através do gênio do artista, mas devem portar as inquietações e conflitos de uma época dando ao espírito a oportunidade de contemplar-se a si mesmo. Concordando com Hegel, em Friedrich Schiller a estética é o meio para tornar o homem racional; a arte é o meio para integração dos lados sensível e espontâneo e o racional e ordenado do ser humano. A próxima visão apresentada por Cunha (2003) é a de Kant. No Dicionário Oxford de Arte, afirma-se, através da fala de Hegel, que Kant “emitiu o primeiro comentário racional sobre estética”. Sua obra “Crítica do juízo” é base de muitos escritos posteriores sobre teoria da arte e da beleza. Distinguiu os juízos sobre a beleza dos científicos, morais de utilidade e juízos relacionados ao prazer. Para Kant a beleza não era redutível a regras ou conceitos, mas sim resultado de um veredicto direto do sentimento. (CHILVERS, 2007). A esta altura é relevante mencionar que no referido dicionário não há menção a um verbete de arte de maneira isolada, assim como em Ferreira (2010), são apresentados apenas seus “tipos”; o único encontrado cita o lema “arte pela arte” que remete ao verbete de esteticismo apontado como “termo aplicado a diversos exageros da doutrina segundo a qual a arte se basta a si mesma e não necessita servir a qualquer fim ulterior, seja mora, político ou religioso” (CHILVERS, 2007, p. 180). Cunha (2003) continua ainda apresentando em seu

dicionário mais abordagens para a arte que não serão aqui apontadas devido à finitude do espaço. Entretanto, encerra-se este tópico com a última frase contida ao fim de suas discussões: “Apesar de tudo, **a arte permanece uma questão aberta**, e desta natureza talvez provenha a sua irresistível atração” (CUNHA, 2003, p. 45, grifo nosso).

### 2.3 INFORMAÇÃO EM ARTE: trabalhando as definições utilizando a Teoria do Conceito

Para Dahlberg (1978) a definição<sup>1</sup> é uma colocação de limites, uma limitação, determinar ou fixar o limite de uma ideia ou conceito. A definição é uma “equação de sentido”. De um lado tem-se o *definiendum* – à esquerda –, ou seja, aquilo que deve ser definido e do outro – à direita – aquilo através do qual algo é definido, o *definiens*. Dentre as espécies de definições existem as nominais e as reais.

De acordo com a Teoria de Dahlberg, as definições encontradas na literatura para o termo Informação em Arte podem ser enquadradas na espécie de definição real por apresentarem o conhecimento englobado por determinado conceito. As definições reais são separadas entre simples e complexas e as encontradas para designar Informação em Arte são de características complexas, pois “o termo mais amplo assim como a diferença específica apresentam-se acompanhados de suplementos”. (DAHLBERG, 1978, p. 107). Assim, a primeira definição apresentada, a de Pinheiro (2000, p. 7-8) é decomposta da seguinte maneira:

<b>(definiendum)</b> <b>Informação em Arte =</b>	<b>(definiens)</b> é o estudo da representação do conteúdo informacional de objetos/obras de arte, a partir de sua análise e interpretação e, nesse sentido, a obra artística é fonte de informação.
<u>Termo genérico com suplementos:</u>	é o estudo da representação do conteúdo informacional de objetos/obras de arte
<u>Diferenças específicas:</u>	a partir de sua análise e interpretação e, nesse sentido, a obra artística é fonte de informação.

Pinheiro (2008, p. 10), citando também Lima (2000), deu um novo caráter ao mesmo conceito:

---

<sup>1</sup> “Podemos então definir a definição da seguinte maneira: definição — de delimitação ou fixação do conteúdo de um conceito (conteúdo do conceito = intensão, ou conjunto de características ou atributos).” (DAHLBERG, 1978, p. 106).

*(definiendum)*  
**Informação em Arte =**

*(definiens)*  
é o estudo dos documentos sobre Arte, isto é, os bibliográficos, primários e secundários, desde o livro, o artigo de periódico, até as bibliografias, estados da arte e outros suportes e, hoje, museus na Web e museus virtuais. Envolve os aspectos formais, descritivos, quanto os de ‘atributos e relações da[s] obras de Arte com a história’.

Termo genérico com suplementos: é o estudo dos documentos sobre Arte

Diferenças específicas: isto é, [documentos] bibliográficos, primários e secundários, desde o livro, o artigo de periódico, até as bibliografias, estados da arte e outros suportes e, hoje, museus na Web e museus virtuais. Envolve os aspectos formais, descritivos, quanto os de ‘atributos e relações da[s] obras de Arte com a história’.

Analisando os escritos de Almeida (1998) nota-se que as ideias da autora não podem ser decompostas como feito em Pinheiro (2000, 2008) visto não ser uma **definição** fechada e explícita de Informação em Arte.

### **3 INFORMAÇÃO EM ARTE: a Agenda 2030 e a Educação**

A Agenda 2030 trata-se de documento gerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) contendo uma série de diretrizes que visam o desenvolvimento sustentável global, nos âmbitos social, ambiental e econômico. Apresentadas as devidas definições, decomposta e discutida a Informação em Arte, o que teria ela à contribuir com os objetivos da Agenda?

O objetivo 16 compromete-se a: “Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2018). Esse mesmo objetivo subdivide-se em outros dez. Às bibliotecas e aos centros de informação em Arte é necessária uma posição proativa nos seguintes tópicos apresentados pela ONU:

16.6 Desenvolver instituições eficazes, responsáveis e transparentes em todos os níveis

16.7 Garantir a tomada de decisão responsiva, inclusiva, participativa e representativa em todos os níveis

16.10 Assegurar o acesso público à informação e proteger as liberdades fundamentais, em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2018).

Já o objetivo 17 obriga-se a: “Fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES

UNIDAS, 2018). Para o cumprimento de tais objetivos, os centros/bibliotecas de Informação em Arte devem, principalmente, disseminar a informação artística de tal modo a lembrar que a mesma é uma forma de combate à ignorância, principalmente, se colocada junto à missão de tornar seus usuários competentes em informação, missão esta já há alguns anos incorporada às atividades dos bibliotecários. Vale lembrar que, de acordo com Bundy (2004), uma pessoa competente em informação é capaz de:

- Reconhecer quando necessita de uma informação;
- Determinar a extensão da informação necessária;
- Acessar informação de maneira eficaz;
- Avaliar criticamente a informação e suas fontes;
- Classificar, armazenar, manipular e redigir informações coletadas ou geradas;
- Incorporar informações selecionadas em sua base de conhecimento;
- Usar informações efetivamente para aprender, criar novos conhecimentos, resolver problemas e tomar decisões;
- Compreender questões econômicas, legais, sociais, políticas e culturais no uso de informação;
- Acessar e usar informações de maneira ética e legal;
- Usar informação e conhecimento para cidadania participativa e responsabilidade social;
- Experimentar a competência em informação como parte da aprendizagem independente e da aprendizagem ao longo da vida (BUNDY, 2004, p. 3-4, tradução nossa).

Tornar o indivíduo competente em informação é, antes de tudo, educá-lo. Levar em consideração os objetivos da Agenda 2030 juntamente à Informação em Arte, é lembrar de um profissional que, ao lado do bibliotecário de arte, é peça fundamental: o arte-educador. Ana Mae Barbosa (2003), importante arte-educadora, afirma que “por meio da arte o indivíduo pode desenvolver a capacidade de crítica, ser mais criativo e analisar a realidade em que está inserido, podendo modificá-la a partir desta análise”. (BARBOSA, 2003 apud MATTOS, 2006, p. 20). De acordo com Smith (2005), a arte deve ser considerada disciplina curricular básica. Para Ernest Boyer (1983), citado por Smith (2005, p. 99), “as artes são uma parte essencial da experiência humana. Não são uma frivolidade”. Entretanto, não é válido apenas afirmar a importância de tal estudo, devem ser mencionados os seus benefícios na vida do indivíduo; “a meta desse ensino é desenvolver nos jovens a disposição de apreciar a excelência nas artes em função da experiência maior que a arte é capaz de proporcionar.” (SMITH, 2005, p. 99).

Já em seu artigo “Educação da sensibilidade’, informação em arte e tecnologias para inclusão social”, Pinheiro (2005) evidencia o grande potencial de transformação social visto

na educação através da Arte. Ao escrutinar os objetivos 16 e 17 da Agenda 2030 vê-se que a Informação em Arte é capaz de promover muitas das transformações sugeridas pela ONU: se a informação pode ser vista como um processo – tornar-se informado (BUCKLAND, 1991) – ter acesso à Informação em Arte é sair da ignorância (tornando-se informado) e conhecer um tipo específico de informação, tipo este que traz a cultura para mais perto do indivíduo, promovendo uma maior erudição do mesmo.

#### **4 CONSIDERAÇÕES**

Hoje, embora bem mais trabalhada que anos atrás, a Informação em Arte ainda não parece ser o tipo de informação que mais se destaca; principalmente em se tratando dos estudos de seu conceito. Logo, faz-se cada vez mais necessária sua investigação. A Teoria do Conceito mostrou-se elemento fundamental na interpretação da estrutura das definições encontradas na literatura. Considera-se que é baseado no entendimento das características levantadas para os conceitos que será possível compreender o estabelecimento de determinadas práticas em torno da informação na área da Arte.

É surpreendente notar que tanto um dos aspectos do conceito de informação quanto um dos aspectos do conceito de Arte carregam em si a ideia de molde, a ideia de forma; a obra de arte sai da mente do artista e é transmutada para a forma física, assim como, no passado, em suas raízes latinas, a informação “moldava” a mente, dava forma à mesma.

A Informação em Arte é capaz de desenvolver no indivíduo pensamento crítico e torná-lo sensível às questões do mundo. Cabe ressaltar que as bibliotecas e centros de Informação em Arte cada vez mais tornam-se um espaço democrático de disseminação da informação artística, não só pelas características da mesma, mas por, desde sempre, estarem as bibliotecas e centros comprometidos em promover a competência informacional de seus usuários; os objetivos da Agenda 2030 apenas veio a enfatizar e tornar ainda mais proeminente a necessidade de assegurar ao cidadão do século XXI total infraestrutura para seu desenvolvimento pleno intelectual. Proporcionar ao ser humano o acesso e contato com a Informação em Arte é contribuir para uma sociedade mais justa, sustentável e igualitária.

O bibliotecário deve trabalhar junto ao arte-educador, fazendo valer ambos os lados do acesso à arte: daquele que ensina a arte (a senti-la, a experimentá-la!) e aquele que ensina a encontra-la e olha-la como objeto pesquisável.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. **Por uma rearquitetura dos serviços de informação em arte da cidade de São Paulo**. 1998. 346 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- ARGAN, Giulio Carlo; FAGIOLO, Maurizio. **Guia de história da arte**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. "A questão da informação", **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, p. 3-8, out./dez. 1994. Disponível em: <[http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n04/v08n04\\_01.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v08n04/v08n04_01.pdf)>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- BAUMGART, Fritz. **Breve história da arte**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BUCKLAND, Michael K. Information as thing. **Journal of the American Society of Information Science**, v. 42, n. 5, p. 351-360, Jun. 1991.
- BUNDY, Alan (Ed.). **Australian and New Zealand Information Literacy Framework: principles, standards and practice**. 2. ed. Adelaide: Australian and New Zealand Institute for Information Literacy, 2004. Disponível em: <<http://www.libnet.sh.cn/upload/htmleditor/File/130620025617.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2018.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/54>>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- CAUQUELIN, Anne. **Teorias da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHILVERS, Ian (Ed.). **Dicionário Oxford da Arte**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- CUNHA, Newton. **Dicionário SESC: a linguagem da cultura**. São Paulo: Perspectiva, SESC São Paulo, 2003.
- DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 101-107, dez. 1978. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

JANSON, H. W. **História geral da arte: o mundo antigo e a Idade Média**. 2. ed. São Paulo: Martins Fonte, 2001.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Acervos artísticos e informação: modelo estrutural para pesquisas em artes plásticas. In: PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GONZÁLEZ DE GOMEZ, Nelida. **Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museus e imagem**. Rio de Janeiro: IBICT, 2000. p. 17-40.

MATTOS, Simone Ap. Ribeiro de. Encontro com a Arte. In: CHRISTOV, Luiza Helena da Silva; MATTOS, Simone Ap. Ribeiro de. **Arte-educação: experiências, questões e possibilidades**. São Paulo: Expressão e Arte, 2006. p. 17-24.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Objetivo 16**: promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods16/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. **Objetivo 17**: fortalecer os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável. 2018. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods17/>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide (Org.). **Interdiscursos da Ciência da Informação: arte, museu e imagem**. Rio de Janeiro: IBICT, 2000.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro “Educação da sensibilidade”, informação em arte e tecnologias para inclusão social. **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 51-55, out./mar., 2005.

\_\_\_\_\_. Itinerários epistemológicos da instituição e constituição da Informação em Arte no campo interdisciplinar da Museologia e da Ciência da Informação. **Revista Museologia e Patrimônio**, v.1,n.1, p. 9-17, 2008. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/9/1/3-65-1-PB.pdf> >. Acesso em: 20 maio 2018.

SMITH, Ralph. Excelência no ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae Tavares (Org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 95-110.

ZINS, Chaim. Conceptual approaches for defining data, information, and knowledge. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, Chapel Hill, v. 58, n. 4, p. 479-493, 2007.